

Psicologia e uso de drogas: análise da produção científica brasileira em Psicologia

Psychology and Drug Use: Analysis of the Brazilian Scientific Production in Psychology

Paulo Henrique Dias Quinderé (orcid.org/0000-0002-8470-1909)¹

Bárbara Lobo Paz (orcid.org/0000-0002-3701-9552)²

Francisco Pablo Huascar Aragão Pinheiro (orcid.org/0000-0001-9289-845X)³

Rodrigo da Silva Maia (orcid.org/0000-0002-8400-058X)⁴

Esthela Sá Cunha (orcid.org/0000-0002-4822-0454)⁵

Resumo

A produção de conhecimento científico sobre as substâncias psicoativas é permeada por compreensões ideológicas ancoradas na Política Internacional de Guerra às Drogas. Nesse contexto, objetiva-se analisar como as pesquisas em Psicologia têm abordado o fenômeno do uso de drogas. Foi realizada uma revisão integrativa dos artigos em periódicos brasileiros de Psicologia com Qualis A1 e A2, publicados entre os anos de 2007 e 2020, nas bases de dados SciELO e PePSIC. Procedeu-se a uma análise interpretativa e do corpus textual com o software IRAMUTEQ. Elaboraram-se análises de similitude com os substantivos e os verbos. Os estudos qualitativos mostraram a centralidade da palavra “droga” fortemente ligada ao termo “uso”. Já os estudos quantitativos se organizam em torno do halo no qual o termo “uso” é central, fortemente vinculado aos termos “droga” e “substância”. A produção científica da Psicologia brasileira tem tratado o fenômeno do uso de drogas de maneira dicotômica e causalista e concebe os problemas em relação ao consumo mediante uma cisão entre drogas, indivíduos e seus contextos socioculturais.

Palavras-chave: Pesquisa científica. Psicologia. Drogas.

Abstract

The production of scientific knowledge about psychoactive substances is permeated by ideological understandings anchored in the International War on Drugs Policy. In this sense, we aimed to analyze how research in psychology has addressed the drug use phenomenon. We conducted an integrative review of studies published between 2007 and 2020 in Brazilian psychology journals classified as A1 and A2 in the SciELO and PePSIC databases. An interpretative analysis of the text corpus was performed using the IRAMUTEQ software. Similarity analyses of nouns and verbs were performed. The qualitative studies showed that the word “drug” was closely linked to the term “use”. The quantitative studies were organized around the halo in which the term “use” is central and strongly linked to the terms “drug” and “substance”. The scientific production of Brazilian psychology has treated the drug use phenomenon in a dichotomous and causalist way and conceives the drug use-related problems based on a division between drugs, individuals and their sociocultural contexts.

Keywords: Scientific research. Psychology. Drugs.

A produção de conhecimento científico sobre o uso de substâncias psicoativas é tangenciada pela política internacional de guerra às drogas, a partir da qual são fomentadas compreensões ideológicas que interferem nas representações coletivas do conceito de droga, nas atuações clínicas e em como as mais diversas áreas do conhecimento irão compreender e

¹ Universidade Federal do Ceará. Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: pauloquindere@sobral.ufc.br

² Universidade Federal do Ceará. Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: barbalpaz@gmail.com

³ Universidade Federal do Ceará. Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: pablo.pinheiro@ufc.br

⁴ Universidade Federal do Ceará. Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: rodrigismaia@ufc.br

⁵ Faculdade 05 de Julho. Sobral, Ceará, Brasil. E-mail: esthela7@gmail.com

atuar diante desse fenômeno. Os estudos não têm se preocupado com os fatores socioculturais que permeiam o consumo de substâncias psicoativas e buscam uma relação causal entre o agente patógeno (droga) e o organismo enfermo (usuário de droga). Além disso, desconsideram todo o cenário do consumo e realizam diagnósticos generalizantes por meio de rótulos clínicos (Macrae & Vidal, 2006).

Dessa forma, na área de saúde, são valorizadas as pesquisas epidemiológicas que, usualmente, enfocam as prevalências da dependência química na população a partir de instrumentos de diagnósticos com questões fechadas. Os estudos também não identificam os aspectos sociais e culturais que estão envolvidos no fenômeno de aumento de consumo, os aspectos relacionados às experiências dos usuários e a demanda destes em relação aos cuidados de saúde (Quinderé, 2014).

Para Zinberg (1984), não existe a noção de dependência de uma droga, mas a repetição do uso, que é resultado de uma dinâmica complexa, mediada por inúmeros condicionantes, frutos da interação entre o contexto, a droga e as experiências do indivíduo. Apesar disso, a produção científica sobre drogas busca correlações estruturadas a partir dos efeitos físico-químicos no organismo humano e desconsidera o cenário no qual estas são utilizadas.

As relações causalistas atribuem à droga a responsabilidade por acontecimentos negativos aos indivíduos e à sociedade, como se ela fosse a origem de toda sorte de problemas: comportamentos violentos, delinquência, agravos à saúde, acidentes, problemas laborais, mortes, entre outros. Forma-se, assim, uma imagem negativa e descontextualizada das substâncias (Bergeron, 2012). Observa-se, ainda, que a literatura científica contribui para uma visão estigmatizada dos usuários, na medida em que, ao usar rótulos depreciativos, cria-se uma imagem de que estes têm características intrinsecamente negativas (Amato, Silveira, Oliveira, & Ronzani, 2008; Silveira & Ronzani, 2011).

No que diz respeito à Psicologia, Pires e Ximenes (2014) ressaltam que esta tem o compromisso, como ciência, de ampliar seu leque de estudos, de absorver outros elementos constituintes do fenômeno do uso de drogas e de não ficar presa a concepções exclusivas de que são as drogas a grande produtora das mazelas sociais. Para as teorias psicológicas, o fenômeno do uso de drogas é complexo. A perspectiva de compreender o uso está relacionado com a formação dos psicólogos, tanto quanto com as abordagens psicológicas que dotam de um saber específico para visualizar e intervir nesse fenômeno. Questões como a subjetividade, os direitos humanos, a participação do usuário, a cultura e os elementos simbólicos estão colocados como pontos importantes para essa compreensão (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2019).

No entanto, duas perspectivas acerca do uso de drogas polarizam a discussão. Por um lado, o proibicionismo se empenha em reduzir a oferta e a demanda de drogas, consideradas prejudiciais, com ações repressivas e criminalizadoras da produção, do comércio e do uso. Por outro, a redução de danos concentra-se em enfrentar, junto com os principais envolvidos e de modo pragmático, os problemas de saúde, sociais e econômicos relacionados ao uso de

substâncias psicoativas, sem avaliações ou prescrições morais sobre essas práticas (Andrade, 2000).

A partir do exposto, o artigo objetiva analisar como as investigações em Psicologia têm abordado o fenômeno do uso de drogas. Foram traçados como objetivos específicos: a) discutir as concepções que as pesquisas na área têm sobre esse fenômeno; b) compreender os pressupostos que balizam as análises sobre o consumo de drogas; e c) elucidar como os paradigmas proibicionista e da redução de danos influenciam a produção de conhecimento na área.

Método

Foi realizada uma revisão integrativa dos artigos em periódicos brasileiros de Psicologia com Qualis A1 e A2. A escolha desses estratos se deu por circunscrever os periódicos de excelência científica, segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes (Ruiz, Grecco, & Braile, 2009). As publicações selecionadas constavam nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). Para a busca, considerou-se o recorte temporal dos anos de 2007 a 2020 e foram utilizadas as palavras-chave “drogas”, “uso de drogas” e “dependência química”, isoladas e/ou combinadas. Incluíram-se pesquisas empíricas publicadas em português.

Ao todo, foram revisados artigos vinculados a cinco períodos de Qualis A1 (Estudos de Psicologia (Campinas), Psicologia: teoria e pesquisa, Psicologia: reflexão e crítica, Estudos de Psicologia (Natal) e Psicologia em estudo); e oito de Qualis A2 (Arquivos brasileiros de Psicologia; Psicologia e sociedade; Psicologia: teoria e prática; Psicologia: ciência e profissão; Estudos e pesquisas em Psicologia; Revista Psicologia: organizações e trabalho; Temas em Psicologia e Psicologia Escolar e Educacional). Na busca inicial, foram encontrados 125 estudos, mas a leitura dos títulos e resumos resultou na exclusão de 58 publicações e, após a leitura integral, na exclusão de outros 27 artigos, que não se enquadravam nos critérios de inclusão. Dessa maneira, um total de 40 estudos foram submetidos à análise.

Os estudos foram organizados, inicialmente, levando em consideração a região em que a pesquisa foi realizada, os participantes e o método de investigação. No que diz respeito à região, aquelas com maior percentual foram: Sul e Sudeste, ambas com 35%, e Nordeste, com 30% das pesquisas elaboradas. Predominaram estudos dos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, com 27,5%, seguidos por Paraíba com 17,5%. No que tange aos participantes dos estudos, constatou-se que 85% recorreram, como fonte primária dos dados, aos usuários de drogas. Em relação à metodologia, 57,5% das pesquisas publicadas utilizaram métodos quantitativos e 42,5% qualitativos.

Os dados textuais utilizados foram oriundos das seções de resultados e discussão, a partir da distinção entre estudos qualitativos e quantitativos. Para tanto, procedeu-se uma análise interpretativa (Geanellos, 2000), bem como do *corpus* textual com o auxílio do

software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires⁶ (IRAMUTEQ), com o qual foram elaboradas análises de similitude com os substantivos e os verbos. Destarte, foram geradas três imagens, uma para cada tipo de metodologia e uma considerando os estudos como um todo.

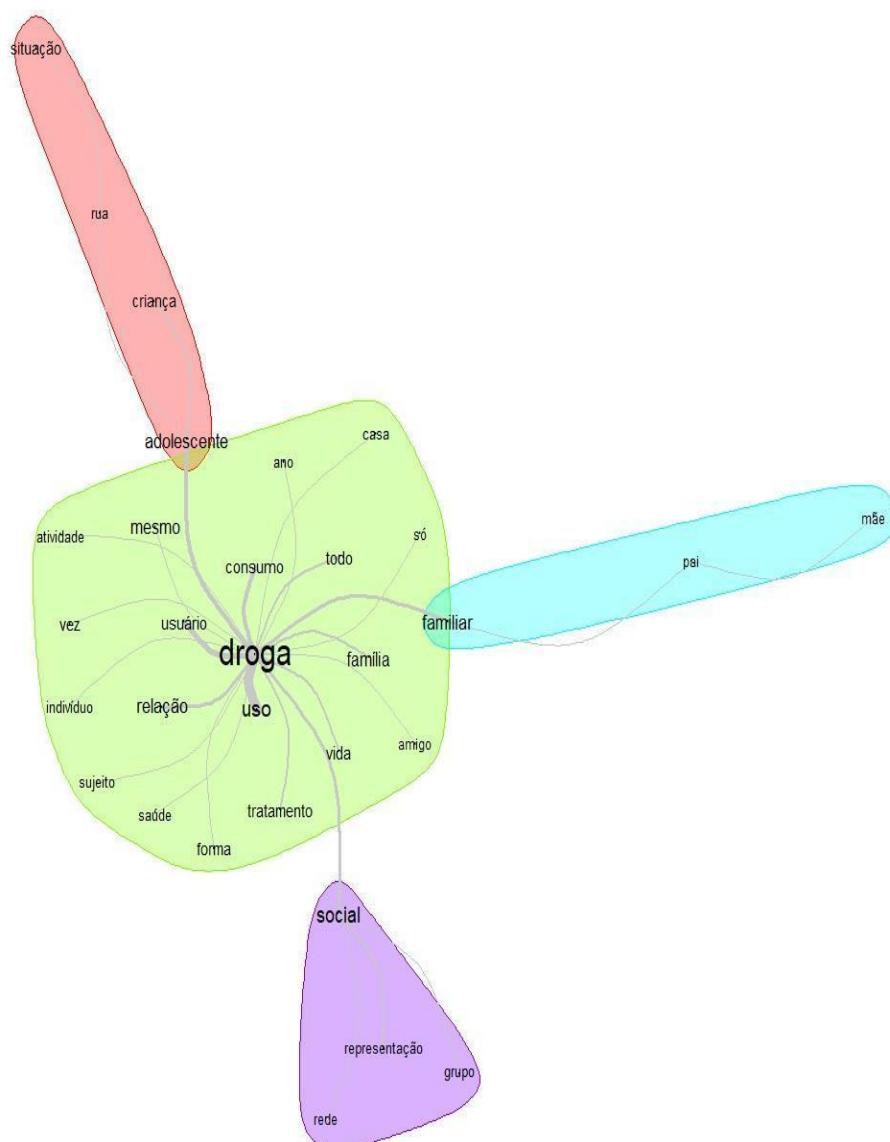
A análise interpretativa, conforme Geanellos (2000), é realizada considerando os seguintes passos: transformação dos dados em um texto único; leitura simples, com o intuito do entendimento do texto como um todo; análise estrutural; compreensão do texto de forma abrangente; interpretação e síntese – essas fases fazem parte de uma interação que acontece do todo para as partes e vice-versa. Desse modo, compõe-se um círculo hermenêutico e se possibilita uma compreensão ampla e profunda sobre o tema estudado. A partir desse exercício interpretativo e, juntamente com as imagens produzidas no software, foram formuladas seis categorias, a saber: Protagonismo da droga, A patologização do uso e A droga como signo: um mal em si? – a partir da análise dos estudos qualitativos –; Dicotomização da relação do uso de drogas: ora causa ora efeito, Abstinência como tratamento e Redução de danos como estratégia de cuidado – obtidas a partir dos estudos quantitativos.

Resultados

Em relação às análises de similitude, nos estudos qualitativos, como apresentado na Figura 1, vê-se a centralidade da palavra “droga” com uma ligação importante com o termo “uso”. Três halos periféricos se formam a partir dos substantivos “adolescente”, “familiar” e “social”.

Figura 1. Dendograma de similitude dos estudos qualitativos

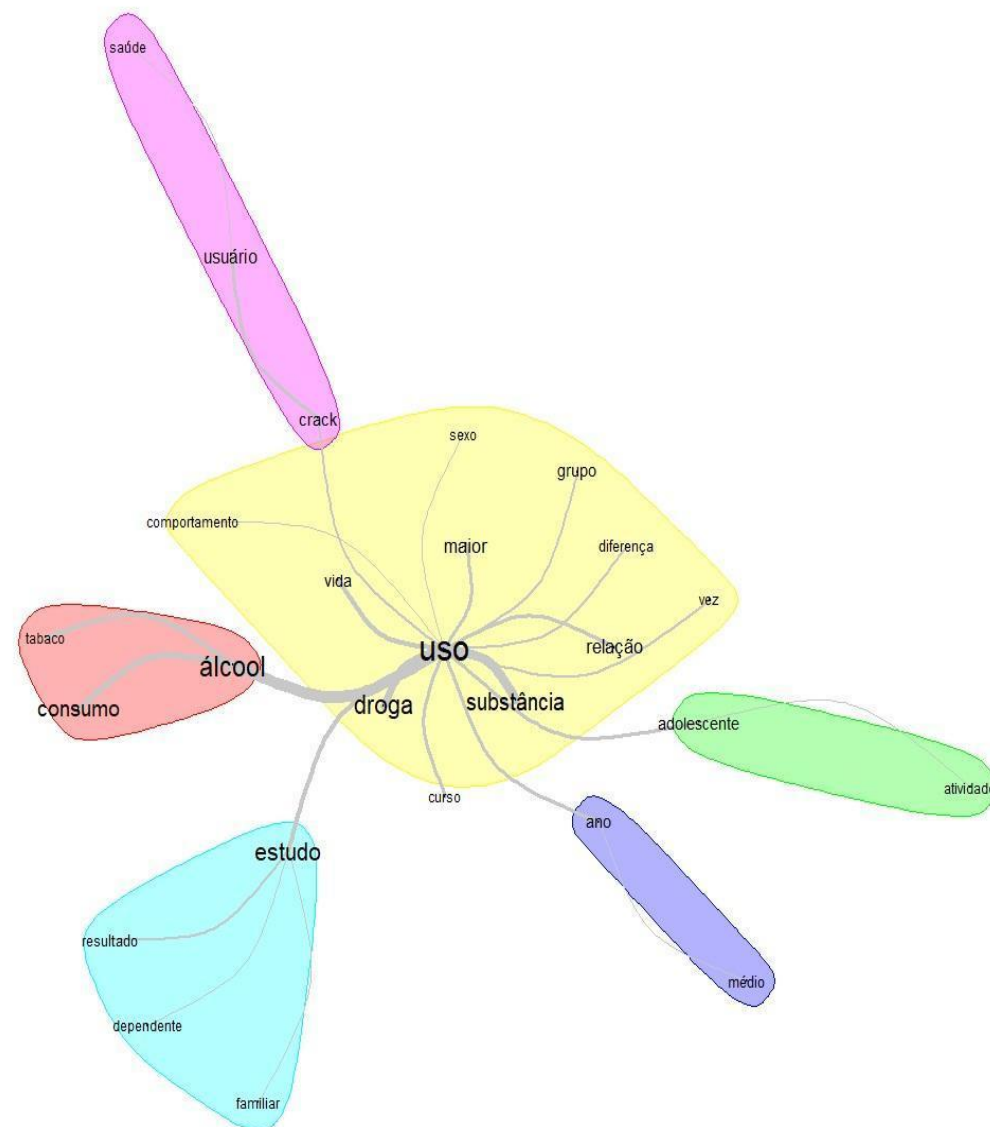
⁶ Interface R para Análise Multidimensional de Texto e Questionários, em tradução livre.



Fonte: Elaboração própria.

Na Figura 2, verificou-se que os estudos quantitativos se organizam em torno do halo no qual a palavra “uso” é central, a qual aparece fortemente vinculada aos termos “droga” e “substância”. Associados ao halo central, observam-se cinco outros cuja ligação se dá a partir dos substantivos “álcool”, “crack”, “estudo”, “ano” e “adolescente”.

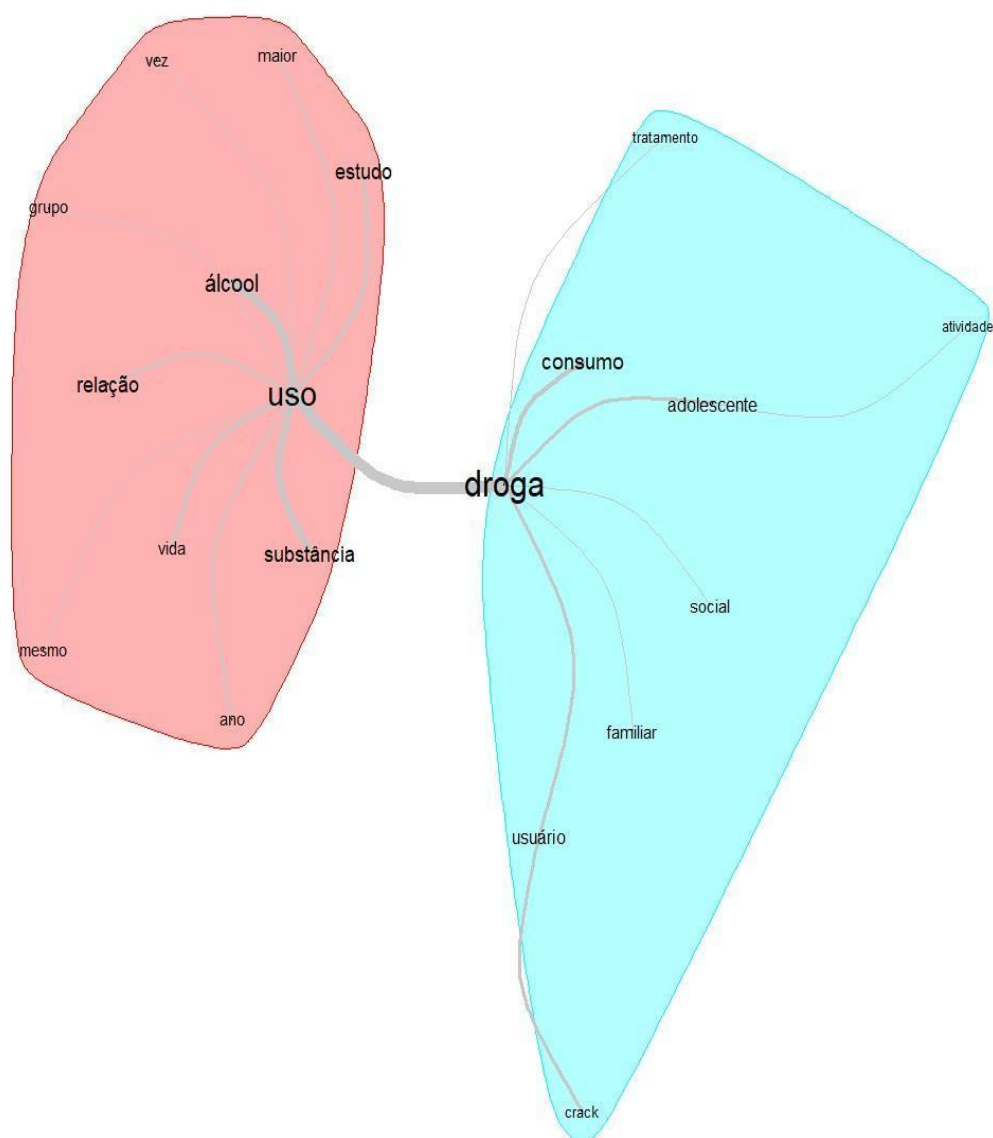
Figura 2. Dendograma de similitude dos estudos quantitativos



Fonte: Elaboração própria.

Quando se toma os conjuntos dos estudos na Figura 3, formam-se dois halos equivalentes. À esquerda visualiza-se a palavra “uso” como central, articulada com os termos “álcool”, “substância” e “relação”. Do lado oposto, o termo “droga” liga-se a “consumo”, “adolescente” e “usuário”. O vínculo entre os dois halos se dá pelas respectivas palavras centrais. Depreende-se a partir das Figuras 1 e 2 que essa cisão representa a diferenciação dos enfoques dados pelos estudos quantitativos e qualitativos. Constata-se que, respectivamente, os primeiros têm uma preferência temática em relação ao uso de álcool e os últimos mostram uma predileção em focar o consumo de drogas

Figura 3. Dendograma de similitude dos estudos quantitativos e qualitativos



Fonte: Elaboração própria.

Discussão: estudos qualitativos – O protagonismo da droga

Esta categoria está representada por sete artigos, o que corresponde a 41,18% dos estudos qualitativos. A conformação do dendrograma apresentado na Figura 1 indica uma centralidade do termo droga nos discursos produzidos pelos estudos com delineamento metodológico qualitativo. Tal centralidade pode evocar a ideia de que a droga é a protagonista nos desdobramentos que possam ocorrer nos coletivos humanos, sobressaindo-se em relação aos demais termos. Nesse sentido, embora os estudos empíricos tenham como principais participantes os usuários, ainda há uma representação coletiva focada na droga como elemento de destaque e potencialmente capaz de disparar uma gama de desdobramentos.

Essa interpretação deve, entretanto, ser relativizada, pois o uso da palavra-chave “droga” direcionou a busca dos estudos que foram analisados. Sendo assim, esse termo pode ter se sobressaído por causa do recorte metodológico utilizado, todavia não se observa essa mesma centralidade nos estudos quantitativos, o que seria esperado, tendo em vista o possível viés do método. Diante disso, é necessário também analisar essa centralidade levando em consideração as ligações que o termo estabelece no dendrograma, assim como os halos que se formaram, de modo a contextualizá-la.

A avaliação da Figura 1 mostra que, no halo central, a palavra droga se liga de forma intensa aos termos uso, usuário, consumo, relação e família. Isso pode indicar que os estudos dão um enfoque temático ao consumo de substâncias e ao contexto familiar – pode ser mencionado como exemplo que caminham nessa direção o estudo de Dameda e Bonamigo (2018). Assim, observa-se que há investigações que desconsideram elementos importantes para compreensão do fenômeno. Nesse sentido, podem ser mencionados o contexto econômico, aspectos como a disponibilidade, a licitude ou a ilegalidade, a qualidade, a quantidade, as modalidades de consumo, as formas de uso e os tipos de substância. Mantém-se, portanto, o destaque para as relações familiares e não são levados em conta, também, questões raciais e de gênero. Esse argumento ganha força quando se observa que o halo em azul se forma com os termos familiar, pai e mãe.

Por outro lado, os halos em vermelho e roxo mostram que há pesquisas que trataram, respectivamente, sobre a relação entre drogas e crianças e adolescentes em situação de rua e sobre representações sociais acerca do uso de drogas. Podem ser mencionadas como exemplos as investigações de Cirino e Alberto (2009), que objetivaram identificar fatores envolvidos na motivação do uso de substâncias por meninos trabalhadores em situação de rua; e de Melo e Maciel (2016), que visaram estudar as representações sociais acerca do uso de drogas entre familiares de usuários. Isso apontaria para estudos que são mais sensíveis aos contextos cultural, social e econômico.

De modo geral, porém, os estudos qualitativos parecem indicar a droga como associada à incompletude humana e colocam a pessoa numa condição psíquica precária. Dessa forma, o uso é associado, por exemplo, ao enfrentamento do desprazer e à promoção de alívio imediato para desconfortos. A identificação da droga como resposta a uma fragilidade subjetiva se destaca no trecho a seguir:

[...] na realidade das toxicomanias, o ato de consumir é uma tentativa de medicar-se diante do insuportável quantum de excitação psíquica. Tal consumo ao mesmo tempo anestesia a dor psíquica e remete à possibilidade da morte, evidenciando a dramática fragilidade do Eu na busca de alternativas diante da vida [...]. (Macedo, Dockhorn, & Kleger, 2014, p. 50).

Conquanto se observe uma postura crítica em relação a como os usuários são representados, os estudos atribuem à droga o papel de ruptura nas relações sociais e afetivas dos usuários. As pesquisas também identificam uma posição passiva e deteriorada dos

usuários de drogas: “A atribuição do rótulo ‘eu sou dependente’ (ou ‘eu sou adicto’, ‘eu sou toxicômano’), como traço de identidade, foi recorrente nas falas dos sujeitos [...] que reforçam a postura de impotência irremediável diante do controle do uso de drogas [...]” (Santos & Costa-Rosa, 2007, p. 494).

As investigações também exploram aspectos subjetivos dos usuários e procuram elementos que os identifiquem e representem de forma homogênea, ou seja, busca-se um corpo discursivo que conforma a figura do drogado. Anseia-se, portanto, por uma homogeneização e uma padronização de elementos subjetivos que possam indicar uma estrutura de personalidade do adicto, com objetivo de encontrar elementos comuns daqueles que fazem uso ou que apresentem problemas. Assim, mesmo quando buscam elementos simbólicos e subjetivos, os estudos parecem procurar nestes algo que identifique a produção da disrupção nos usuários. Nesse sentido, há estudos que produzem uma representação do usuário circunscrito a categorias psicológicas que reforçam estereótipos, como se observa no trecho seguinte: “[...] configura-se como representativo de um narcisismo exacerbado [...] Seria a centração sobre si mesmo, característico do funcionamento narcísico [...] Pelas entrevistas, pode-se supor que a grande maioria desse grupo passa por conflitos que dificultam o estabelecimento de relações afetivo-sexuais saudáveis [...]” (Souza & Kallas, 2009, p. 385).

A patologização do uso

Sete artigos estão circunscritos a esta categoria, o que equivale a 47,18% do total de pesquisas qualitativas. O dendrograma apresentado na Figura 1 mostra que, no halo central, há uma ligação entre os termos droga, uso e saúde e também entre as palavras droga e tratamento.

Nesse sentido, a análise interpretativa mostrou que há uma série de estudos qualitativos que absorvem termos biomédicos para descrever a relação do sujeito com o uso de drogas ou o próprio usuário, tais como dependência química ou dependente químico, conceitos ancorados nos aspectos físico-químicos das drogas, apontados como principais disparadores de problemas sociais e clínicos de quem faz uso. Isso pode ser exemplificado no seguinte trecho: “quanto às consequências da dependência química para o próprio dependente químico, envolvendo aspectos orgânicos, psicológicos e sociais [...]” (Medeiros, Maciel, Sousa, Tenório-Souza, & Dias, 2013, p. 274).

Percebe-se que as pesquisas articulam os impactos que a dependência química traz sobre a vida dos dependentes e o seu entorno social. O uso de substâncias é descrito como uma doença, que necessita de “tratamento”, como observado na Figura 1. São utilizados, assim, termos da nosografia psiquiátrica. Além disso, faz-se uso de termos como codependência, o qual atribui àqueles que têm laços afetivos com os usuários um olhar estigmatizado, como pode ser observado no trecho a seguir:

[...] Pode-se observar tanto o impacto e a sobrecarga que a doença provoca nesses membros quanto às consequências da dependência química para o próprio dependente químico, envolvendo aspectos orgânicos, psicológicos e sociais... Esta classe mostra as consequências, para o usuário, da dependência química advinda do uso abusivo de drogas, especialmente do crack, droga considerada como possuidora de um alto poder de dependência e de causar alterações psíquicas, orgânicas e sociais [...]. (Medeiros *et al.*, 2013, p. 274).

Portanto, quando abordam o modelo familiar e o comportamento de consumo dos usuários, há estudos que não consideram as políticas proibicionistas que os empurram para ambientes inóspitos e perigosos quando precisam comprar e fazer uso de substâncias ilícitas. Como destaca Becker (2008), os usuários de drogas são impelidos ao circuito marginal de consumo não por causa do efeito das substâncias, mas sim em razão das políticas que impõem que essas pessoas sejam submetidas ao mercado ilegal para obtenção da droga. Além disso, os usuários sofrem sanções dos familiares, quando estes descobrem o consumo, pois seu comportamento é compreendido como desviante.

[...] A partir do que foi descrito, podemos dizer que o modelo de organização familiar dos usuários tem como tônica a autoridade controladora [...] Sabemos que o itinerário do consumidor de maconha no âmbito da família costuma ser de ocultação da prática até a revelação da mesma, quando se inicia um ciclo de conflitos intrafamiliares, muitas vezes culminando com uma ruptura sem retorno [...]. (Ferreira & Sousa, 2007, p. 57).

Os estudos atestam o ambiente social desmesurado e os contextos de vulnerabilidades como precipitadores para o uso desorganizado. A incessante busca por uma causa que promova o uso de drogas produz na sociedade a ideia de que este está condicionado a um fator específico, tais como: fuga dos problemas, curiosidade, ambiente desestruturado, problemas de várias ordens. Destarte, há uma tendência a se negligenciar a compreensão de que uma política pública incoerente produz todo um contexto de uso de droga desfavorável, tornando-a um elemento que se constitui nocivo na sua essência. Tal compreensão corrobora o fato de que a situação de vulnerabilidade precipita as pessoas para o uso e põe a droga no rol dos fenômenos que podem ocorrer na vida das pessoas por estarem em ambiente destrutivos.

A droga como signo: um mal em si?

Dos artigos qualitativos analisados, três se enquadraram neste tópico (17,65%). Os estudos abordam o uso de drogas como um fenômeno que depende de experiências subjetivas. Na Figura 1, isso pode ser visto na ligação do termo central “droga” com as expressões “sujeito” e “indivíduo”. Além disso, a partir da análise interpretativa, viu-se que os textos relacionam a droga com comportamentos indesejados, bem como a perdas e prejuízos.

As substâncias apresentam elementos físico-químicos, os quais não irão produzir malefícios ou benefícios por si só. As drogas absorvem os elementos socioculturais dos

ambientes nos quais estão inseridas e os sentidos e significados produzidos pelas relações com os coletivos com que interagem. Existe uma compreensão que reduz a representação do termo droga a algo pejorativo e destruidor em sua essência. Sabemos, por outro lado, que essas substâncias só produzem efeito em contato com os coletivos humanos em seus variados contextos (Bergeron, 2012; Becker, 2008).

Nesse sentido, estudos procuram associar a droga às representações que estas podem absorver socialmente. Observa-se nos discursos que a palavra droga remete a elementos simbólicos que apontam para uma produção coletiva, absorvendo representações tanto positivas quanto negativas, de acordo com as experiências individuais e coletivas dos que fazem ou não uso.

No estudo de Acioli e Santos (2016), observa-se uma tentativa de superação da dicotomia positiva-negativa à droga. Os autores ocupam-se de como o uso da substância, quando acompanhado de elementos ritualísticos em ambientes que possam conter elementos sociais de controle, produzem representações positivas, como observado no trecho a seguir:

[...] A eficácia simbólica das representações possui um poder predominante em relação à própria experiência orgânica, farmacológica. Além disso, o modo como o consumo é simbolizado, a função que essa prática desempenha, o sentido que adquire na vida de cada usuário tem um papel determinante [...]. (Acioli & Santos, 2016, p. 6).

Em consonância com isso, Assis, Faria e Lins (2014), em pesquisa sobre o uso da *ayahuasca*, para o cuidado de pessoas com problemas com drogas, buscam apreender elementos relacionados ao uso de substâncias psicoativas que possam produzir qualidade de vida para indivíduos que fazem uso desorganizado de outras drogas. Os autores abordam o uso de determinadas substâncias psicoativas com fins terapêuticos, de modo que possam auxiliar no cuidado de outros usuários que venham a apresentar quadros desorganizados quanto ao uso de drogas. Como exemplo, vê-se o trecho: “[...] Assim, o sucesso do tratamento não depende somente da farmacologia da *ayahuasca*, mas também das normas do contexto ritual, do zelo religioso, da influência do líder e da dinâmica social do grupo [...]” (Assis *et al.*, 2014, p. 229).

Esses estudos procuram elementos simbólicos acerca das experiências que os usuários têm com a substância, desde representações negativas, tais como problemas de ordem psíquica, orgânica e social, até representações positivas, como uso ritualísticos e potenciais de cura. Assim, compreendem que as substâncias incorporam significado social e sentidos que estão envolvidos nos diversos usos. Consequentemente, captam o que essas drogas podem representar de bom e de mal na sociedade e contribuem para uma compreensão de que essas substâncias estão além do bem e do mal, que se possa irromper dessa relação.

Estudos quantitativos – Dicotomização da relação do uso de drogas: ora causa, ora efeito

Circunscreveram-se nesta categoria 17 artigos, o que corresponde a 73,9% dos estudos quantitativos. No geral, vê-se que são investigações de prevalência que, usualmente, enfocam amostras de usuários internados ou em tratamento. O halo vermelho aponta para pesquisas que analisaram a preponderância do uso de substâncias lícitas (“álcool” e “tabaco”), o que pode ser exemplificado na pesquisa de Fachini & Furtado (2013).

O halo magenta, por sua vez, indica estudos que tematizam a saúde dos usuários de crack, como o artigo de Scheffer, Pasa e Almeida (2010). Já o halo anil faz referência a artigos que abordam como se dá o consumo e a frequência do uso. Isso é percebido pela ligação dessa palavra com os termos “ano” e “médio” (p. ex.: Chiapetti & Serbena, 2007).

O foco no uso produz uma relação dicotômica entre os elementos envolvidos no fenômeno: de um lado as pessoas e do outro a droga, de modo que os contextos em que esses usos ocorrem, sejam eles sociais, sejam de história de vida dos participantes, são abordados de forma superficial. As hipóteses traçadas, de pronto, associam prejuízos das mais diversas ordens aos tipos de drogas, à quantidade utilizada e aos seus padrões de consumo.

Ao estudar usuários de drogas em tratamento, observa-se uma centralidade na análise de estratégias que fazem os indivíduos se distanciar da droga. Ou seja, tanto na compreensão do problema relacionado ao uso quanto na compreensão dos tratamentos, são estabelecidas relações diretas e dicotômicas entre droga e pessoa, sendo a droga produtora do problema e a abstinência a solução. O excerto seguinte mostra um exemplo dessa característica “[...] 5% dos fumantes obtêm sucesso na tentativa de abandonar o hábito [...] às freqüentes recaídas, à não adesão ao tratamento e à alta taxa de desistência, fato estes comuns entre dependentes químicos [...]” (Ciribelli, Luiz, Gorayeb, Domingos, & Marques, 2008, p. 100).

Percebe-se uma culpabilização dos usuários pelas péssimas condições econômicas das famílias, o que os colocam como figura produtora de sofrimento. Observa-se, ainda, o usuário numa posição conflituosa ao indicá-lo como causador de inúmeros problemas no seio familiar, ao passo que é responsável pela boa evolução do seu tratamento. Dessa feita, são-lhe exigidas mudanças, por vezes inalcançáveis, para a retomada da felicidade de seus entes queridos, como destacado no excerto a seguir:

[...] Além das condições precárias de vida, os familiares ainda precisam arcar com o sustento financeiro dos usuários, que pouco colaboram ou até mesmo prejudicam o orçamento familiar. Essas condições precárias de sobrevivência, na qual essas famílias estão inseridas, revelam problemas sociais que podem ter influenciado os membros adictos a procurar substâncias químicas e aderir ao uso [...]. (Maciel, Melo, Dias, Silva, & Gouveia, 2014, p. 25).

Abstinência como tratamento

Três estudos quantitativos se enquadravam nesta categoria (13,05%). Corroborando a análise da Figura 2, a análise interpretativa indica que as pesquisas desta categoria abordam

questões relacionadas ao processo de recaída e o sucesso terapêutico prioriza a abstinência. Conforme observa-se na Figura 2, os termos não se apresentam nessa imagem, entretanto os textos abordam essa temática, de modo que nestes se sobressaem tratamentos que têm como objetivo final a abstinência, por meio de modelos de cuidado e de atenção impositivos. Dessa maneira, constroem um discurso ancorado em compreensões patológicas que colocam os usuários numa condição de impotência e lhe atribuem uma doença de difícil recuperação. Essas características são exemplificadas na citação a seguir: “[...] Ainda assim, esses dados mostram que a dependência química é uma doença de difícil resolução e tratamento, que pode perdurar por muitos anos, trazendo sofrimento para o dependente e para a sua família, sendo marcada muitas vezes por frequentes recaídas [...]” (Maciel *et al.*, 2014, p. 24).

A cura dessa doença passa por uma mudança de comportamento das pessoas para que possam se livrar das drogas, como se a droga, por si mesma, fosse um agente patógeno do qual o indivíduo precisa se livrar. Quando o usuário não consegue se abster ou não consegue compreender a droga como um problema na sua vida, assume-se que há uma negação do problema por parte do sujeito, o que acaba por culpabilizá-lo – como se observa em Sousa, Ribeiro, Melo, Maciel e Oliveira (2013, p. 265).

[...] a maior parte da amostra apresentou uma baixa motivação para a mudança. Este fato pode ser explicado por alguns fatores. Primeiramente, em virtude de se desenvolver mais lentamente, a dependência de álcool faz com que haja uma dificuldade em se saber quando o indivíduo deixou de ser um “bebedor social” para se tornar um dependente. Isto facilita a negação, por parte do sujeito, de que realmente precisa mudar de atitude [...].

Assim, impõe-se ao usuário um discurso acusatório: se não consegue a mudança almejada, ele é um fraco duplamente, porque apresentou problemas e, agora, por não conseguir mudar seu comportamento. Esse discurso aponta para as pessoas que apresentam problemas com drogas e para a sociedade de modo geral que os tratamentos efetivos são aqueles que focam na abstinência e na mudança comportamental, de cunho muitas vezes moralista.

Essa ideia aponta para a redução da identidade das pessoas que utilizam drogas para um único personagem: o drogado. Assim, o usuário passa a ser reduzido apenas ao papel de dependente, circunscrito a um estereótipo de degradação e submissão perante a substância (Lima, 2008). A partir dessa representação criada do usuário, os entendimentos sobre o tratamento passam por equipamentos que atuem sobre essa incapacidade dos indivíduos de organizarem suas próprias vidas, utilizando-se de dispositivos que se coadunem a essa perspectiva, como os modelos calcados nas perspectivas proibicionistas, por meio de modelos que distanciem os indivíduos das drogas.

Esses estudos defendem claramente a importância das comunidades terapêuticas e os modelos de internamento de longo prazo no tratamento dos usuários de drogas. Há, ainda, estudos que destacam as internações de longa duração em comunidades terapêuticas como

aquelas que lidam melhor com os casos mais complexos de dependência química. Tratam a internação como uma forma superior para intervir nas situações mais complexas: “[...] Além disso, muitos usuários de crack são internados em comunidades terapêuticas, uma vez que necessitam de um ambiente protegido por um período maior de tempo, em função da complexidade do tratamento desses casos [...]” (Maciel *et al.*, 2014, p. 23).

Outro exemplo é observado no seguinte excerto: “[...] Nas fazendas de recuperação, os dependentes químicos tanto trabalham como realizam atividades domésticas, diferentemente do que ocorre nos hospitais, onde passam a maior parte do tempo sem ocupações, por falta de projetos terapêuticos [...]” (Sousa *et al.*, 2013, p. 266).

Redução de danos como estratégia de cuidado

Houve três artigos representados neste grupo (13,05%). Esta categoria, que surgiu da análise interpretativa, não se evidenciou, claramente, no dendrograma da Figura 2, contudo a temática emerge nas discussões dos textos de Rodrigues, Silva, Oliveira e Tucci (2017), Silva, Tófoli e Calheiros (2018) e Giacomozzi (2011). Na contramão do discurso anterior, da abstinência como tratamento, os estudos analisados aqui vão numa direção diferente e buscam discutir o uso de drogas para além de uma compreensão patológica e sem o foco na abstinência como único e ideal modelo de tratamento.

Assim, os estudos, ao abordarem a estratégia de redução de danos, ancorada em fundamentações psicossociais, para a compreensão e produção do cuidado, promovem intervenções no entorno psicossocial dos usuários, ao vê-los como partícipes na recuperação. Observa-se a negociação de formas diferentes de projetos terapêuticos e não de um projeto único para todos os usuários, portanto se posicionam de forma diferente da visão estigmatizada, doente e passiva do usuário e constrói o discurso de que os problemas associados ao uso de drogas absorvem uma multiplicidade de fatores para além do uso da droga, como destacado no trecho “[...] O tratamento desses usuários deve compreender esse acolhimento inicial, sendo necessário respeitar as diferenças e se construir um plano terapêutico individualizado, por meio do qual se priorize as necessidades subjetivas do usuário [...]” (Rodrigues *et al.*, 2017, p. 685).

De modo geral, percebe-se que os estudos quantitativos ao estabelecerem correlações entre a droga e determinados grupos de usuários, boa parte em tratamento, buscam padrões comportamentais positivos e negativos com o intuito de fazer conexões que possam auxiliar na formulação de tratamentos mais eficazes. Centralizam-se, também, numa relação causal que desconsidera os elementos simbólicos envolvidos nos diversos usos e associam, unidirecionalmente, o uso como precipitador de problemas.

Considerações finais

A produção científica da Psicologia brasileira tem tratado o fenômeno do uso de drogas de maneira dicotômica e causalística. Por um lado, concebe os problemas em relação ao

consumo por meio de uma cisão entre drogas, indivíduos e seus contextos socioculturais. Por outro, compreendem o fenômeno de modo que a droga passa a ser causa e/ou consequência dos problemas gerados nos indivíduos e na sociedade. Assim, retroalimentam o que a sociedade reproduz nos seus discursos em relação ao consumo de substâncias. Tais dicotomias produzem um discurso fundamentado nos juízos de valor e em compreensões moralistas sobre o fenômeno do uso das drogas

A produção do discurso patológico da dependência química traduz uma compreensão marcada de um ideal de sociedade livre de drogas. Tal compreensão repercute na assistência à saúde dos usuários, pois os profissionais incorrem na dificuldade de abordar o assunto – e o aspecto valorativo estigmatizado impede relações mais afetuosas e comprometida por parte dos profissionais, que se sentem ameaçados, devido ao circuito de violência produzido pela política de estado de guerra às drogas em nossa sociedade.

As pessoas que fazem uso dessas substâncias e venham a apresentar problemas estão aprisionados num circuito de dor e sofrimento que tanto o afeta quanto o seu meio social circundante. Aqueles que conseguem não fazer o uso ou o interromperam mediante tratamento se “livraram” das drogas ou são pessoas independentes que conseguiram reformular o seu “mau” comportamento, que estava associado ao uso dessas substâncias.

Destarte, a Psicologia, como ciência, contribui para uma visão do uso de droga como um comportamento inadequado e comunga com os ideais proibicionistas que demonizam a substância e pregam a abstinência como um fim ideal. Nesse sentido, este artigo contribui para fazer refletir sobre as produções científicas em Psicologia, de modo a colaborar para a superação da lógica proibicionista em relação ao consumo de drogas. Também traz para profissionais e pesquisadores a discussão sobre a Psicologia estar capturada por um modelo reducionista, bem como mostra que há outras formas de compreensão sobre o tema que suplantam modelos calcados na equivalência entre saúde e abstinência.

Referências

- Acioli, M. L., Neto, & Santos, M. F. (2016). Os usos de crack em um contexto de vulnerabilidade: representações e práticas sociais entre usuários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-9. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32326>.
- Amato, T. C., Silveira, P. S., Oliveira, J. S., & Ronzani, T. M. (2008). Crenças e comportamentos sobre práticas de prevenção ao uso de álcool entre pacientes da atenção primária à saúde. *Estudos e Pesquisas em Psicologia UERJ*, 8(3), 744-758. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000300013.
- Andrade, T. (2000). Drogas injetáveis na Bahia: usos e usuários. In F. Mesquita & S. Seibel (Orgs.). *Consumo de drogas: desafios e perspectivas* (p. 81-89). São Paulo: Hucitec.

- Assis, C., Faria, D., & Lins, L. F. (2014). Bem-estar subjetivo e qualidade de vida em adeptos de ayahuasca. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 224-234. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100024>.
- Becker, H. S. (2008). *Outsiders: estudos da Sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bergeron, H. (2012). *A Sociologia da droga*. Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- Chiapetti, N., & Serbena, C. A. (2007). Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de Saúde de uma universidade de Curitiba. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 303-313. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000200017>.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (2019). *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) em políticas públicas de álcool e outras drogas*. Brasília, DF: CFP. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/09/AlcooleOutrasDrogas_web-FINAL.pdf.
- Ciribelli, E. B., Luiz, A. M. A. G., Gorayeb, R., Domingos, N. A. M., & Marques, A. B., Filho (2008). Intervenção em sala de espera de ambulatório de dependência química: caracterização e avaliação de efeitos. *Temas em Psicologia*, 16(1), 95-106. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000100009.
- Cirino, D. C. D. S., & Alberto, M. D. F. P. (2009). Uso de drogas entre trabalhadores precoces na atividade de malabares. *Psicologia em Estudo*, 14(3), 547-555. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pe/a/H4487TW6fkfZ3s9bjzRx3Gq/?format=pdf&lang=pt>.
- Dameda, C., & Bonamigo, I. S. (2018). Adolescentes, infração e drogas: cartografando tessituras de redes sociotécnicas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(3), 5-20. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v70n3/02.pdf>.
- Fachini, A., & Furtado, E. F. (2013). Uso de álcool e expectativas do beber entre universitários: uma análise das diferenças entre os sexos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 421-428. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/ptp/a/jssLWcb4g5y6rpTwwPTRmpL/?format=pdf&lang=pt>.
- Ferreira, V. M., & Sousa, E. A., Filho (2007). Maconha e contexto familiar: um estudo psicossocial entre universitários do Rio de Janeiro. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 52-60. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100008>.
- Geanellos, R. (2000). Exploring Ricoeur's Hermeneutic Theory of Interpretation as a Method of Analysing Research Texts [Explorando a teoria hermenêutica da interpretação de Ricoeur como um método de análise de textos de pesquisa]. *Nursing Inquiry*, 7(1), 112-119. Retrieved from <https://doi.org/10.1046/j.1440-1800.2000.00062.x>.
- Giacomozzi, A. I. (2011). Representações sociais da droga e vulnerabilidade de usuários de CAPSad em relação às DST/HIV/AIDS. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 11(3), 776-795. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812011000300004.

- Macedo, M. M. K., Dockhorn, C. N. B. F., & Kegler, P. (2014). Para além da substância: considerações sobre o sujeito na condição da toxicomania. *Psicologia: Teoria e Prática*, 16(2), 41-52. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872014000200004.
- Lima, A. F. (2008). Dependência de drogas e Psicologia Social: um estudo sobre o sentido das oficinas terapêuticas e o uso de drogas a partir da teoria de identidade. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 91-101. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100010>.
- Maciel, S. C., Melo, J. R., Dias, C., Silva, G., & Gouveia, Y. B. (2014). Sintomas depressivos em familiares de dependentes químicos. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 16(2), 18-28. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872014000200002.
- Macrae, E., & Vidal, S. (2006). A Resolução 196/96 e a imposição do modelo biomédico na pesquisa social: dilemas éticos e metodológicos do antropólogo pesquisando o uso de substâncias psicoativas. *Revista de Antropologia da USP*, 49(2), 645-666. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0034-77012006000200005>.
- Medeiros, K. T., Maciel, S. C., Sousa, P. F., Tenório-Souza, f. M., & Dias, C. C. V. (2013). Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. *Psicologia em Estudo Maringá*, 18(2), 269-279. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000200008>.
- Melo, J. R. F., & Maciel, S. C. (2016). Representação social do usuário de drogas na perspectiva de dependentes químicos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 76-87. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/1982-3703000882014>.
- Pires, R. R., & Ximenes, V. M. (2014). Sentidos sobre o uso de drogas construídos por psicólogos: implicações práticas. *Revista de Psicologia da Unesp*, 13(2), 41-51. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v13n2/a05.pdf>.
- Quinderé, P. H. D. (2013). *Experiência do uso de crack e sua interlocução com a Clínica: dispositivos para o cuidado integral do usuário*. Tese de doutorado, Universidade Estadual do Ceará, Ceará, Brasil.
- Rodrigues, L. O. V., Silva, C. R. C., Oliveira, N. R. C., & Tucci, A. M. (2017). Perfil de usuários de crack no município de Santos. *Temas em Psicologia*, 25(2), 675-689. Recuperado de <https://doi.org/10.9788/TP2017.2-14>.
- Ruiz, M. A., Greco, O. T., & Braile, D. M. (2009). Fator de impacto: importância e influência no meio editorial, acadêmico e científico. *Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular*, 24(3), 273-278. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/s1516-84842009005000080>.

- Santos, C. E., & Costa-Rosa, A. (2007). A experiência da toxicomania e da reincidência a partir da fala dos toxicômanos. *Estudos de Psicologia Campinas*, 24(4), 487-502. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400008>.
- Scheffer, M., Pasa, G. G., & Almeida, R. M. M. D. (2010). Dependência de álcool, cocaína e crack e transtornos psiquiátricos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 533-541. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300016>.
- Silveira, O. S., & Ronzani, T. M. (2011). Estigma social e saúde mental: quais as implicações e importância do profissional de saúde. *Revista Brasileira Saúde da Família*, 28(1), 51-58.
- Silva, L. G. D., Tófoli, L. F., & Calheiros, P. R. V. (2018). Tratamentos ofertados em comunidades terapêuticas: desvelando práticas na Amazônia Ocidental. *Estudos de Psicologia*, 23(3), 325-333.
- Sousa, P. F., Ribeiro, L. C. M., Melo, J. R. F, Maciel, S. C., & Oliveira, M. X. (2013). Dependentes químicos em tratamento: um estudo sobre a motivação para mudança. *Temas em Psicologia*, 21(1), 259-268. Recuperado de <https://doi.org/10.9788/TP2013.1-18>.
- Souza, M. A., & Kallas, R. M. (2009). Análise da destrutividade em adictos a drogas: contribuição a uma abordagem psicoterapêutica. *Temas em Psicologia*, 17(2), 377-391. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2009000200010&lng=pt&nrm=iso.
- Zinberg, N. E. (1984). Drug, Set, and Setting: The Basis for Controlled Intoxicant Use [Drogas, estado mental e contexto social: as bases para o uso controlado de tóxico]. New Haven, Connecticut: Yale University. 16(3). Retrieved from <https://doi.org/10.1080/02791072.1984.10524320>.

Recebido em: 06/01/2021
Aprovado em: 05/11/2021